DOI 10.20504/opus2026.32.47
Dossiê Experimentalismo na Música de Concerto e na Música Popular: conceito, práticas e historicidades

Contos do Praça 6

Henrique Iwao Jardim da **Silveira**
https://orcid.org/0000-0003-0196-4066
(Unicamp / Núcleo Interdisciplinar de Comunicação Sonora, Campinas - SP, Brasil)

Resumo: O artigo consiste em um relato em primeira pessoa de como o evento de música experimental *Praça 6* foi criado, produzido e conduzido, em suas primeiras seis edições, entre 2018 e 2019. Narra o encontro do autor com Felipe Lopes, coorganizador; a formulação da ideia de realização de shows de música de ruído em praça pública; a escolha do nome; as dificuldades de produção; as estratégias de ocupação do espaço utilizado, situado no epicentro de Belo Horizonte, na Praça Sete de Setembro. Relata acontecimentos e traça relações com outros elementos da cena artística experimental da cidade. Registra os shows ocorridos, com participações de: b-Aluria, Brechó de Hostilidades Sonoras, Criptido, Doppel, em extinção, Fefo, II|III, Infinito Menos, Nanati Francischini, Paulo Dantas, P.M.N.T., Quasicrystal. Termina com uma breve incursão sobre a série de intervenções musicais-urbanas *Blitzkrieg Noise*, edições 1 a 12. Esta também existe como uma série de vídeos.

Palavras-chave: Música experimental. *Praça 6*. Música de ruído. Relato de experiência. Cena artística.

Tales of Praça 6

Abstract: This article is a first person account on how the event *Praça 6* was created, produced, and conducted in its first six editions, in 2018-2019. It recounts the author's meeting with co-organizer Felipe Lopes; the process of developing the idea of presenting noise-music shows in a public square; the choice of the name of the event; the production difficulties; the strategies for occupying the event space in Sete de Setembro Square, at the epicenter of Belo Horizonte. It reports on events and draws connections with other elements of the city's experimental art scene. It also documents the performances that took place, featuring b-Aluria, Brechó de Hostilidades Sonoras, Criptido, Doppel, em extinção, Fefo, II|III, Infinito Menos, Nanati Francischini, Paulo Dantas, P.M.N.T., Quasicrystal. It concludes with a brief look into the series of urban-musical interventions *Blitzkrieg Noise*, editions 1 to 12, which also exist as a video series.

Keywords: Experimental music. *Praça 6*. Noise music. Experience report. Art scene.

SILVEIRA, Henrique Iwao Jardim da. Contos do Praça 6. *Opus* (Assoc. Nac. Pesqui. Pós-Grad. Música), João Pessoa, v. 32, e263247, p. 1-20, 2026. http://dx.doi.org/10.20504/opus2026.32.47
Recebido em 20/02/2025, aprovado em 31/07/2025, publicado em 29/08/2026
Editor Responsável: Dr. Vinícius Eufrásio
Editores de Seção: Dra. Sheyla Diniz; Dr. João Paulo Nascimento; Dr. Eder Pena

1. Este artigo foi escrito, a partir de seu segundo parágrafo, como um relato de experiência, em primeira pessoa, falando sobre como o evento *Praça 6* foi criado e conduzido, nas suas primeiras seis edições, entre 2018 e 2019. Realizei o relato em 2020, quando a pandemia de Covid-19 eclodiu e provocou um hiato nas minhas atividades de produção de shows (presenciais). Retomei o texto em 2025 apenas para revisá-lo, optando por considerar esse recorte uma primeira fase do evento e não incluir as edições produzidas entre 2022 e 2025, agora reclassificadas como "da segunda fase". De todo modo, já havia catalogado os eventos 1 a 4 como temporada 1, eventos 5 e 6 como temporada 2 e eventos 7 a 10 como temporada 3. A primeira fase contém, assim, as temporadas 1 e 2.

Mantive o tom original da escrita, colorido de toques de informalidade e buscando um estilo fluido e corrido. Acredito que o coloquialismo eventual, além de exibir a maneira como eu gostaria de relatar as coisas, possuindo um caráter mais espontâneo do que o costumeiro, marca também uma posição de enunciação. Ela é aquela de uma pessoa que, por um lado, possui interesses intelectuais alinhados com o círculo universitário, de uma pessoa que frequenta universidades (embora sem filiação, atualmente) e escreve artigos. Por outro, entretanto, é aquela de um artista-produtor que vive apaixonadamente a cena artística experimental da cidade de Belo Horizonte. Uma cena independente, majoritariamente amadora e com uma relação problemática com a municipalidade. Relação de tensão com a institucionalidade. Uso *amadora*, aqui, no sentido de: seus participantes fazem os eventos por amor, pelo desejo de compartilhar sua arte, apenas ocasionalmente conseguindo ganhar dinheiro com essa produção e quase nunca tratá-la como seu trabalho principal, aquele que daria sustento. De fato, fiquei com a impressão de que encobrir a informalidade poderia escamotear essa posição e essas tensões e optei por arriscar deixá-las transparecerem.

Dado o caráter de relato e ensaio do texto, evitei interromper o fluxo narrativo, optando por fornecer notas adicionais ao final do texto. Compilei-as, indicando o parágrafo ao qual pertencem e deixando claro a qual tópico elas se referem. As notas têm a função de complementar o material apresentado para aqueles especialmente interessados.

2. Eu tinha adicionado o Fábio Fernandes no Facebook faz pouco tempo e tomei conhecimento de que ele traduzira para o português *The City & the City*, do China Miéville (2014). Nesse romance policial estranho, duas cidades ocupam o mesmo espaço geográfico, mas possuem culturas e normas diferentes, assim como cada qual sua própria população. Desde cedo, os cidadãos aprendem a *desver* e *desouvir* tudo o que não pertence à sua cidade, de modo a ignorar o que não está "do seu lado". De transeuntes a carros a prédios. Cidadãos de Besźel agem como se tudo o que pertence a Ul Qoma não existisse, e vice-versa. Também porque não há crime pior que o da *Brecha*, isto é, a passagem conveniente de uma cidade a outra, realizada sem primeiro se dirigir ao controle de imigração, no centro de ambas, a fim de reentrar na outra cidade. Imagine se, de repente, alguém some ao atravessar uma rua em Ul Qoma, entrando no território de Besźel, desvisto e desouvido, tornando-se assim virtualmente invisível e inaudível aos Ul Qomanos, possivelmente após cometer um delito… *Brecha*. Eu achei a ideia fascinante. Evocativa das anedotas em

torno do *método dos indiscerníveis*[1] de Arthur C. Danto, no qual um objeto, uma pá de neve, por exemplo, poderia ser uma obra de arte de Duchamp, *En prévision du bras cassé*, enquanto um objeto idêntico seria apenas uma pá de neve, ferramenta utilizada em locais frios com o intuito de remover neve. Ademais, a ideia da *brecha* também trazia um ar de sabedoria das ruas: saiba por onde andar, saiba o que é possível ou não fazer naquele contexto; entenda as diferentes configurações de cada lugar da cidade.

3. Eu já tinha esbarrado algumas vezes no Felipe Lopes, em ambientes artísticos de Belo Horizonte. Lembro de ter ficado impressionado com a paixão com que discursava sobre a filosofia da matemática de Wittgenstein, em uma exposição solo da Carolina Botura no ateliê que ela tinha na época, no Horto, creio que em 2014. Esse dia foi eletrizante porque a Botura, descalça, em uma pequena sala apinhada de gente, quebrou uma centena de garrafas de vidro. Estávamos seguros, mas de frente para o perigo – os cacos voavam pelo espaço[2]. De toda forma, o Felipe continuou aparecendo. Esteve na exposição coletiva V O R T E X, no saudoso Luthier Bar, ali quase em frente ao teatro Alterosa, no Floresta. Eu estava com o pessoal do VESPA, expondo minhas fotos quase que só pretas. Além da instalação *Dead and Dying Pixels*, utilizando um projetor todo bichado[3].

O Luthier durou apenas um ano, mas era um lugar interessante. Um bar que gostava de receber música experimental toda semana. Possuía um segundo andar, isolado do primeiro por uma escada estreita e íngreme. Esse segundo andar sofria transformações. Era uma ZAP, zona autônoma passageira: durante algumas horas, em virtude de presenças artísticas, virava outra coisa, outro mundo, um pequenino e frágil portal para um mundo mais instigante[4]. Depois de muito ir a eventos que eu organizava, como o QI – as Quartas de Improviso –, junto a Matthias Koole, ou ao Boteco Ruído, e provavelmente também a algum Avantgarden e/ou BH Noise, o Felipe chegou para mim e disse para organizarmos algo juntos[5].

4. Talvez essa seja uma explicação um pouco apressada. O Felipe, na verdade, sempre andava aqui e ali organizando shows. Primeiro reggae, depois punk, no Área 51. Junto à Botura e ao VESPA, ele montava o EX TRE MA, festa e exposição de arte com música de ruído, thrash metal e grindcore. Participei da edição

[1] O método dos indiscerníveis é desenvolvido na obra-prima de Danto, *A transfiguração do lugar-comum* (1981). A menção da obra de Duchamp é realizada em Danto (1981, p. 45).

[2] Carolina Botura havia performado, em seu ateliê, uma peça chamada *xøk*. Fotos da mesma performance, realizada em outra ocasião, podem ser vistas em https://www.carolinabotura.com/portfolio/xok/.

[3] Um vídeo da instalação *Dead and Dying Pixels*, na exposição coletiva *V O R T E X*, está disponível em https://www.youtube.com/watch?v=tiPe7ZW1Sgo.

[4] O termo ZAP foi criado por mim, parodiando o conceito de TAZ, zona autônoma temporária (*temporary autonomous zone*), cunhado por Hakim Bey (2001).

[5] Há um vídeo documental do *Avantgarden 3* (2016), disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=K49rj8mfsAs. Há também vídeos documentais do BHNoise 2013 (https://www.youtube.com/watch?v=BVyqC_G5p3c) e BHNoise 2015 (https://www.youtube.com/watch?v=WoJRlwjUE3Q). A extensa documentação do QI - Quartas de Improviso (2013 - até o presente) pode ser acessada em https://archive.org/search?query=creator%3A%22Seminal+Records%22&and%5B%5D=subject%3A%22qi%22; a da série Boteco Ruído (2017 até o presente) em https://archive.org/search?query=creator%3A%22Seminal+Records%22&and%5B%5D=subject%3A%22boteco+ru%C3%ADdo%22.

de 2016, sem notar muito sua presença. Foi uma semana em residência, numa espécie de usina abandonada degradada no meio da avenida Andradas, normalmente utilizada como estacionamento decadente. Não havia garantia de água nem energia elétrica. Além da sujeira acumulada, havia fuligem. No dia aberto ao público, além da instalaçãozinha sonora que acabei desenvolvendo, toquei como *dehors*, um projeto de *harsh noise* anônimo do tipo "toquem como *dehors*". Eu vesti um macacão descartável branco de corpo inteiro, escondendo a cara. É bom tocar em palco de rock de festival, em ambiente de show de médio porte, com um PA mais potente, normalmente inacessível a pessoas da cena experimental. Sanannda Acácia também esteve lá, tocando como Insignificanto, mas apresentou-se num lugar menor, em uma das salas no segundo andar. Ela teve algum problema de horário, e a banda que poderia trocar com ela se recusou, de modo que ambas acabaram tocando ao mesmo tempo.

Aliás, e lembrando de outros eventos por aqui, e talvez por azar, nunca vi uma banda de rock sendo gentil com músicos da cena experimental. Presenciei, inclusive, aqui e ali, um clima de intriga unilateral. Em Belo Horizonte, shows podem se dar em sequências esdrúxulas. Por exemplo: uma vez toquei algo muito ruidoso, junto ao Verjault, numa feira de zines[6]. Em seguida tivemos um solo de uma cantora-violonista interpretando algo bem Milton Nascimento… existe, a meu ver, na cena experimental, uma precariedade, uma falta de *glamour* e de dinheiro que, aliada a um certo heroísmo de gente que tem paixão pelo que faz, contribui para um clima bom entre as pessoas. Melhor do que em outros meios musicais que circulei um pouco.

5. A ideia do Felipe, dada em 2017, era a seguinte: fazer uns shows de música de ruído na Praça Sete de Setembro, em Belo Horizonte. Idealmente (mas as coisas nunca são assim), eu faria a curadoria e direção artística, e ele, a produção executiva, inclusive bancando os gastos. Ele estava gostando muito das apresentações de *noise* e improvisação livre, entre outros tipos de música experimental, e queria colocar aquilo em espaço público. A princípio, às quintas-feiras, saída do expediente, centrão, aquela muvuca, o sistema de som montado, e aquele estranhamento. Intervenção artística que seria eminentemente intervenção política, porque geraria uma situação de confronto, dizia ele. *Saiam da mesmice!* Seria uma situação que colocaria em questão as maneiras de partilhar e ocupar o espaço público. No meu entendimento, ele estava propondo um *noise* agônico, com shows combativos contra a insossa e estagnada cidade.

Acho bom lembrar que, quando mudei para cá – para BH, no final de 2012 –, a cidade tinha fama de ter um pujante movimento de rua, e em 2013 ocorreram diversas festas incríveis. Havia um tanto de espontaneidade, mistura de magia, desorganização e efervescência. Em uma delas, *A Ocupação* (a de julho), o Coletivo D'Istante tocou o jogo musical *Cobra*, de John Zorn, embaixo do viaduto Santa Tereza, trazendo um pouco de loucura musical ao evento, um tanto lotado[7]. A estrutura zapeante de Zorn, de fragmentos de estilo e sobreposição de pastiches improvisados, era articulada de modo especialmente irreverente por

[6] Toquei com Verjault na 1.ª Feira Elástica de Publicações Independentes, na Galeria Ÿstilingue, Belo Horizonte, 2015.
[7] O Coletivo D'Istante surgiu como um projeto de Felipe José Abreu, com o intuito inicial de tocarmos o jogo musical *Cobra*, de John Zorn, e existiu entre 2012 e 2016. Sobre o jogo, consultar sua dissertação (Abreu, 2013).

nós. Em um dado momento, uma moradora de rua inebriada entrara no círculo dos músicos e, servindo-se de um microfone, começara a improvisar melodias de louvação delirante, pseudoevangélicas. Consideramos que ela estava de chapéu (um músico de chapéu em Cobra tem liberdade para não seguir os comandos que o regente indica aos músicos).



Fig. 1: Coletivo D'Istante tocando debaixo do viaduto Santa Tereza, em Belo Horizonte. Festa *Ocupação*, 7 jul. 2013. Crédito desconhecido.

6. Esses eventos de rua, entrelaçados nas manifestações de 2013, enfrentavam policiamento militar obtuso. Havia sempre barreiras policiais e tentativas de prisão não justificadas. Os policiais achavam importante fazer pressão. Acho que não cabe aqui me alongar sobre isso, mas é importante dizer que, de alguma forma, e em relação ao meu círculo social, isso contribuiu para que essa energia ligada ao centro e à rua se dispersasse. O lendário bar Nelson Bordello, sonho de uma integração entre arte e boemia, diferentes culturas e clientelas – do morador de rua ao *playboy* –, se viu isolado e decadente. As duas primeiras temporadas do QI (as *Quartas de Improviso*) foram lá, mas, a partir daí, fomos para o Santa Efigênia, à Georgette Zona Muda e depois ao Espaço Comum Luiz Estrela. Também havia muita violência por ali. O viaduto entrou em reforma. Aquilo me pareceu uma estratégia para dificultar a movimentação na região. De fato, era preciso reformar o banheiro, mas houve falta de comprometimento, e a obra se arrastou indefinidamente. Eu me afastei de lá, voltando a tocar na região apenas no EX TRE MA 2, em 2018.

De toda forma, havia e ainda há um certo saudosismo quando lembro desse período. Não passava pela nossa cabeça a perspectiva de golpe político e de guinada para a extrema direita. A classe artística

próxima a mim vivia um clima energizante de boemia e produtividade. No edifício Maletta, nas galerias dos colegas (4e25, Piolho Nababo, Ÿstilingue), era possível encontrar as pessoas, ver exposições, beber e ir a performances e shows. Depois disso, andar madrugada adentro, embriagado, de bar em bar, como um bom belo-horizontino. Não que não tivessem ocorrido diversas outras coisas interessantes depois, mas, quando conversei com Felipe sobre fazermos shows juntos, eu acreditava que era preciso resgatar algo dessa possibilidade de transformação das ruas pelo artístico, típica daquele momento das manifestações. Depois de mais ou menos 15 anos organizando shows, mas evitando espaços abertos demais, eu ia aceitar o convite.

7. Dito isso, eu tinha outra perspectiva do que poderiam ser esses shows. Primeiro, acho que valia aceitar que a curadoria gravitaria em torno de projetos mais agressivos e ruidosos. Essa energia me parecia acertada para o local, o pátio da Praça Sete, em frente ao pirulito, o obelisco que sinaliza o hipercentro da cidade. Só que essa musicalidade agressiva e ruidosa deveria ser enfatizada *como música*. Nosso evento deveria desvelar um lado da praça, entre outros tantos, como aquele que surgiu quando ocorria o *Quarteirão do Soul*, em que ela se transformava em um salão de dança de negros elegantes, movimentando-se energeticamente. Ademais, eu estaria convidando músicos, isto é, artistas que querem realizar shows musicais. Artistas que querem tocar para um público disposto a ouvi-los, e interagir e coabitar o espaço com os transeuntes desavisados, sob a égide da possibilidade da escuta. Segundo minha experiência com formas mais radicais de música, o que esse tipo de músico valoriza está muito mais relacionado ao estranhamento e à abertura de possibilidades do que ao choque. Não há quem verdadeiramente reverencie a vaia, fora do poema[8]. Ou talvez isso seja coisa de ambientes glamourosos. Não se trata de negociar as irritações do público, mas de mostrar a potência inesperada de formas não convencionais de fazer e pensar música. A colocação em espaço público seria uma oportunidade para os músicos, muitas vezes inédita, de interagir com a abertura que o espaço proporciona e lidar com o pequeno inesperado, o inesperado dentro do respeitoso.

Expliquei para o Felipe sobre o que eu estava pensando: eventos aos sábados, às 16h. Um momento um pouco mais calmo da praça, mas não ermo. Horário que enfatizaria a ideia de interação, transformação, modificação do espaço, mais do que de confronto. Mais do que a ideia de irrupção face à rotina de trabalho, de tensão diante do final de expediente e de distúrbio da freguesia dos bares em suas horas felizes. Pensei que os sábados poderiam mobilizar de modo mais positivo as pessoas. O *noise* estaria no coração de Belo Horizonte, afinal. E de fato, após a primeira temporada, em 2018, estava passando pelo calçadão ali, subindo para a Rio de Janeiro, quando um jovem me parou e perguntou quando faríamos mais shows. Ele então comentou algo como: "foi muito legal como vocês ressignificaram a praça; a praça virou outra coisa para mim, desde então". Fiquei sem graça, mas agora, escrevendo, fico orgulhoso: ressignificar, ocupar para alterar o campo dos possíveis, ampliar e acrescentar novos elementos ao imaginário de um local. Nós alcançamos algo disso.

[8] O poema que reverenciaria a vaia é *Viva Vaia*, de Augusto de Campos.

8. É claro, um outro fator que pesou para seguirmos por esse viés foi que éramos uma pequena equipe de duas pessoas, capazes de lidar apenas com uma certa quantidade de problemas e erupções do inesperado. O momento político não era animador, e a possível truculência civil, dos ditos cidadãos de bem, já ocupava nosso imaginário, a somar-se à possível violência policial. Queríamos então diminuir as chances de que algo desse errado, porque era fácil imaginar situações em que os shows teriam de ser interrompidos. A ridícula manifestação antiarte de extremistas religiosos em frente ao Palácio das Artes, em 2017, fomentada por deputados do PP e do PSDB, já havia acontecido, e uma das *fake news* que circulou com notoriedade no WhatsApp usava uma pintura de um conhecido nosso[9]. Desse modo, acabamos também por tomar todas as precauções necessárias. Decidimos por arcar com a ingrata atividade de dar legitimação institucional ao evento. A polícia, sempre presente nas imediações, não poderia nos atrapalhar, nem se quisesse. Então, mais à frente no texto, descreverei toda a epopeia burocrática kafkiana que enfrentamos. Alguns acham que poderíamos ter tentado montar a coisa mais *na tora* (lembro de o Froiid ter sugerido algo assim). Entretanto, eu estava inseguro. Em muitos eventos, quando os servidores públicos querem impedir que o espaço público seja utilizado, há um contingente grande de pessoas que dão respaldo à atividade, um contingente que exerce pressão para a não paralisação. Nosso público esperado era algo como 40 pessoas. Nossa equipe expandida, no máximo cinco. Não me parecia o suficiente. E, quando fizemos os eventos, de fato a polícia sempre aparecia. Nunca estava sabendo do que se tratava. Sempre pedia alvará. Era frustrante, mas bem de acordo com o costume brasileiro. Primeiro, você é obrigado a requisitar policiamento na prefeitura. Tem inclusive de visitar uma delegacia para protocolar o pedido. Mas essa informação nunca é passada adiante. O importante é o carimbo em um papel e um número de liberação em outro.

Uma vez, pediram a papelada no meio do show: talvez alguns tenham visto um vídeo em que eu afasto um policial que tentara falar com a Gabriela Nobre (b-Aluria), no meio da apresentação dela (uma foto da cena também circulou como um meme, contra minha vontade e intenção, com os dizeres "foda-se a polícia"). Respirei fundo e pedi amigavelmente para o policial conversar com o Felipe, que detinha os documentos. Outra vez, durante a montagem do equipamento, quando perguntei por que o policial não sabia do evento, ele me confidenciou que nem patrulhava aquela área, que estava de passagem. Mas por que raios então pediu o alvará? A coisa de respirar fundo. Sei que vou ter de mostrar de novo o papel. Em metade dessas aparições, eles estavam lá porque algum vizinho havia feito alguma reclamação, de que havia sons esquisitos. Aliás, as pessoas confundem sons esquisitos com barulho e barulho com som intenso. A reclamação é muito mais uma reação alérgica ao estranhamento do que um problema real de volume sonoro – tocamos em volume de show normal. O trânsito na Avenida Afonso Pena pode ser efetivamente mais intenso[10].

[9] O conhecido cuja pintura circulava em grupos de WhatsApp, em meio a *fake news*, era o artista Desali. Seu site oficial é: http://www.desali.com.br/.

[10] Em 2022, finalmente cedi ao desejo de Felipe Lopes, exposto no começo deste artigo, de realizar uma intervenção musical com sons ruidosos de alta intensidade, na hora do *rush*, na Praça Sete. O vídeo do *Blitzkrieg Noise #13*: Dranois 7 pode ser visto em https://www.youtube.com/watch?v=kUqAMlPN5bw. Como filmei e captei o som de longe,

Em outra ocasião, tive o desprazer de presenciar, quando esperava o equipamento chegar, uma adolescente pichando a parede da praça e sendo pega. E ainda em outra, quando guardava o equipamento, quatro jovens negros levando uma dura, à toa, por racismo mesmo. Ademais, em um dia presenciamos também uma viatura louca dando voltas na rotatória do pirulito e atirando contra ele algumas bombas de gás. Numa tarde de sábado. Talvez tão surreal quanto o som que promoveríamos ali. Mas, infelizmente, arte não era.

9. Cerca de 13 anos atrás, Deleuze e Guattari estavam na moda. Havia uma ideia de minoração, e uns amigos da cena da música experimental de São Paulo, Alexandre Fenerich e Giuliano Obici, nomearam seu projeto de Duo N-1. Procurando um nome para o evento com Felipe, eu lembrei disso e resolvi minorar a Praça Sete. Fiz n = 7 e subtraí um[11]. Ficou *Praça 6*. Aplicando um pouco as ideias do livro do Miéville, já mencionado, e subtraindo letras de "Belo Horizonte", escrevi:

> Há uma cidade oculta dentro de BH. Uma cidade sobreposta na cidade. El Orizon é seu nome. Escondida, mas visível a olho nu. Invisibilizada por uma barreira MENTAL. Em El Orizon a música não se organiza através de melodia e harmonia. Pode-se dizer que, aqui, pop é ruído. Os músicos chegam à Praça 6 (tudo em EO é menor) e atacam texturas, jogos gestuais, sonoridades e caminhos energéticos. Para os belo-horizontinos talvez isso pareça Caos, e eles não entendam de onde vêm essas buzinas e motores esquisitos, não conseguindo ver os ruidistas. Mas os El'orizones se reúnem, jubilam, exultam. Há uma praça dentro da praça.

Complementei com algo mais elucidativo:

> Praça 6 traz a música de ruído – o *noise* – e os experimentalismos sonoros para o centro de Belo Horizonte, em espaço público, formando temporariamente, em dois shows por ocasião, uma outra praça dentro da Praça Sete, abrindo-a para o inusitado da música e do som. Praça 6: Ruidismo - Há uma Praça Dentro da Praça.

10. Assim, todas as ideias se aglutinaram. O resultado ficou meio quadrinesco, então conversei com Felipe de acharmos algum quadrinista para fazer um cartaz-minirrevista em quadrinhos, a fim de divulgar o evento, seguindo meu texto. Ele achou o Hugo Rezende, que fez um desenho da praça muito legal, mas recusou minha ideia. Como não tínhamos dinheiro para outras tentativas e era um ótimo cartaz, usamos ele mesmo. No ano seguinte, em 2019, acertamos de fazer panfletos com Rômulo Alexis, tendo em mente seu antigo quadrinho *Anjo da Violência*, além de sua proximidade com a cena experimental e o fato de eu

do obelisco, fica evidente o quanto o trânsito é sonoramente intenso, mesmo em comparação a uma caixa JBL Eon 500 com o volume no máximo.

[11] A ideia de minoração é desenvolvida por Deleuze e Guattari no capítulo 3 de *Kafka: por uma literatura menor* (Deleuze; Guattari, 2017). O conceito de menor é próximo daquele de *radical*, o que ajuda a justificar a aparição deste na construção do nome do evento Praça 6, junto à outra formulação do duo francês, aquela de não totalização, expressada pelo operador "*n-1*" (desenvolvido no capítulo 1 de Deleuze; Guattari, 1995). Não cabe desenvolver filosoficamente o gracejo, mas a ideia é a de que a Praça Sete seria um local normalmente já mapeado, urbanisticamente determinado, enquanto o Praça 6 criaria um espaço-tempo que reabriria a praça para novas conexões e acontecimentos.

ter organizado um show para ele na série *Boteco Ruído*, uns anos antes[12]. Infelizmente, Rômulo também não comprou a ideia e entregou um material criado livremente. Imprimi dois mil panfletos coloridos e os distribuí em todos os lugares pelos quais passei naqueles dias. Assim, a terceira temporada verá uma nova tentativa de ilustrar *El Orizon*[13]. De todo modo, fizemos os seguintes shows (aproveito para indicar o nome das pessoas entre parênteses e o estado do qual vinham para tocar, quando não eram da cidade):

> #1: em extinção (Rayra Costa, SP) + P.M.N.T. (Fabiano Pimenta), 24 de março de 2018; #2: II|III (J.-P. Caron e Magno Caliman, RJ) + b-Aluria (Gabriela Nobre, RJ), 12 de maio; #3: Fefo (Felippe Brandão) + Brechó de Hostilidades Sonoras (Natacha Maurer e Marcelo Muniz, SP), 2 de junho; #4: Infinito Menos (Henrique Iwao, Matthias Koole, Mário Del Nunzio, este último de SP), Quasicrystal (Sanannda Acácia, RJ), 30 de junho. Praça 6 #5: Doppel (Olívia Luna, SP) + Criptido (Yuri Bruscky e Henrique Correia, PE), 17 de setembro de 2019. Praça 6 #6: Paulo Dantas (RJ) + Nanati Francischini (SP), 24 de setembro.

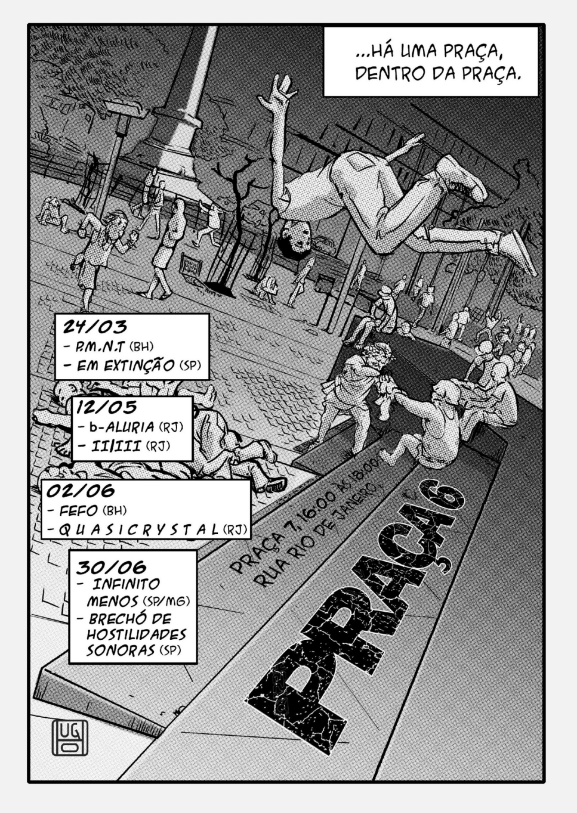

Fig. 2: Cartaz dos eventos #1 a #4, por Hugo Rezende.

[12] Informações sobre o quadrinho *Anjo da Violência* (São Paulo: Juizforana, 2012), de Rômulo Alexis, podem ser acessadas em https://romuloalexis.com.br/anjo-da-violencia/.

[13] Carolina Deptulski ilustrou a história em quadrinhos, finalmente realizada para a temporada 3 do Praça 6. Os eventos #7 a #10 ocorreram após esse relato, depois do fim da pandemia de Covid-19, em setembro de 2022 e agosto-setembro de 2023. O material pode ser visto em https://archive.org/details/praca6_T3, aba "JPEG FILES", arquivos com nome no formato "_Praça 6 #n.jpg".

11. O formato de dois shows por dia era algo testado de longa data, desde os tempos de Ibrasotope, em São Paulo (com o qual organizara muitos shows, de 2007 a 2012)[14]. Esse formato garante que dois artistas/projetos diferentes se encontrem e troquem figurinhas. Ele fornece variedade ao público, mas é breve e concentrado, de modo a exigir atenção e desenhar um arco experiencial conciso, fechado. A vantagem da concisão é que ela facilita ao público elaborar impressões sobre o evento e conversar a partir delas. Como são só duas apresentações, a montagem e a passagem de som são eficientes, sem atropelos. Ademais, implica uma intervenção pontual no espaço público, de 90 a 120 minutos de duração. Um tempo bastante razoável. Desse modo, é possível esperar, de todos os presentes, disponibilidade para a experiência ou, ao menos, paciência para com os sons produzidos. Quando os vizinhos reclamam, esta reclamação não é justificada. Mas não apenas em virtude dos decibéis (geralmente em níveis saudáveis). Se você não se sente disponível para os shows, só precisa aguentar duas míseras horinhas. E isso vale para os malucos de BR[15], que normalmente ocupam a praça, e vale para as outras lojas e seus clientes. Ao mesmo tempo, é o suficiente para marcar presença, dar consistência ao incômodo provocado, alterar a percepção do local, estabelecer uma estranheza e fornecer uma boa experiência musical.

***

No primeiro evento, um dos malucos está irritado com o som de *em extinção* e ensaia provocações machistas para a musicista Rayra, que ficara um longo tempo tocando frequências ultra-agudas. Felipe Lopes, na sua versão malaco, o abraça e leva para longe. Eles discutem sobre o que é ocupar um espaço. De alguma forma, e apesar de sua teimosia, o sujeito entende que ele não é dono da praça e que, como ele, nós também podemos ocupá-la à nossa maneira, por aquele tempo. No mês seguinte, ele está lá de novo, mas, ao invés de nos azucrinar, resolve curtir o show.

No terceiro evento, a gerente do bar da esquina conversa conosco durante a montagem. Eu explico sobre, e ela entende que é melhor pedir para a dupla de chorinho tocar após o término de nossos shows. Mas então ela não só descumpre o combinado, como desta vez o som do bar está mais alto que o normal. No começo de seu show, Fefo ocupa apenas o registro agudo. No registro médio ouvimos, ao fundo mas presente, uma baixaria de violão e melodias na flauta.

No segundo evento, provavelmente no quinto andar do prédio logo atrás, à direita do nosso espaço de apresentação, acima do boteco Fórmula 1 (que, aliás, talvez por fazermos nossos shows cedo, nunca bombou o som mecânico deles), um morador resolve aproveitar para posicionar seu esmeril na varanda e interagir. Talvez pensasse: "se podem fazer esse barulho, então também posso fazer barulho com o meu esmeril". Talvez só tivesse aproveitado os sons ruidosos para finalmente esmerilhar sem que nenhum

[14] Mário Del Nunzio e eu criamos e dirigimos o núcleo de música experimental Ibrasotope, em seu início, a partir de 2007. Escrevemos sobre o mesmo em Iwao e Del Nunzio (2009).

[15] *"Malucos de BR"* é como se autodenominam os moradores de rua comumente chamados de hippies. Sobre o assunto, recomendo o trabalho do coletivo Beleza da Margem. Eles possuem um canal de YouTube: https://www.youtube.com/@belezadamargem.

vizinho reclamasse. Nesse caso, talvez pudesse mentir – "não era eu, eram aqueles meninos lá de baixo". Ou então, improvavelmente, "é que eu estava fazendo música de ruído".



Fig. 3: Praça 6 #6, show de Paulo Dantas, 24 set. 2019. Foto do autor.

12. Em 2018, contratamos um técnico de som, o Michel, para fazer PA. Em 2019, consegui comprar duas caixas amplificadas JBL EON500 via Lei Municipal de Cultura, para as *Quartas de Improviso*, e passei a utilizá-las. De toda forma, já na primeira temporada, eu levava equipamento adicional, meu e emprestado. O Felipe tinha um carro, então passava para me pegar. Passava também no bar da Rita, ali no Horto, ao lado do apartamento dele, para alugar mesas de plástico, nossa bancada (para apoiar os equipamentos). Como havia certa confusão nessa transação, em algum momento ele simplesmente comprou as mesas. A logística não era muito boa. As coisas mal cabiam no automóvel, um Fiat Uno, e tínhamos frequentemente que fazer duas viagens, além de despachar os artistas de Uber ou 99 Taxi. "Nos encontrem lá." Para chegarmos, a fim de montar às 14h30m, tínhamos de sair uma hora antes, mas mesmo assim atrasávamos. Em especial, atrasamos muito no dia em que Felipe esqueceu que eu havia mudado de casa e ficou batendo na porta da antiga, irritado. Ou quando um grupo resolveu ir ao mercado central comprar cachaça e comer fígado com jiló, chegando bem depois do combinado.

Estacionar era um problema, porque não queríamos agir grosseiramente como a PM, que estaciona o carro dentro da praça, deixando-o lá, atrapalhando. Na Avenida Afonso Pena há uma área de descarga. Mas alguém sempre tem de ficar cuidando do equipamento deixado no espaço dos shows, de modo que, se Matthias ou outro artista não estivesse ajudando, o processo era lento e penoso (uma pessoa ficava olhando o equipamento na praça enquanto a outra buscava o equipamento que estava no carro e o levava para lá). Às vezes, pessoas ajudavam; em 2019, Dorothé Depeauw e Edson Fontela o fizeram, com uma picape. No show do Paulo Dantas, um rapaz enorme, ali da rua, disse: "deixa que eu carrego" e levantou

um Mesa Boogie pesado, no ombro. Conversamos: ele tinha acabado de sair da prisão; estava até com tornozeleira eletrônica. Mas não quis ficar para o show.

Depois de descarregar, como não se pode estacionar na própria zona de carga/descarga, era preciso procurar uma vaga. Dependendo, passava mais meia hora até achar um lugar seguro e grátis naquele horário. Em geral, eu ficava ao sol, sentado em um amplificador ou caixa de som, cheio de malas e tripés, esperando, realmente *torrando*. Verdade seja dita, era melhor que estar sob a sombra de uma nuvem, com medo da chuva. Se em algum dia tivesse chovido, não haveria muito o que fazer. Não há espaço coberto. O prédio ao lado não fez questão nenhuma de ser amigável e oferecer uma alternativa para nós (nos encolhermos no seu parapeito, por exemplo). Aluguel de lona para fazer cobertura contra chuva em shows na rua é muito caro. Fora do orçamento possível do nosso patrono, o Felipe.

Quanto à chuva, na primeira edição passamos duas semanas de tensão absurda. Fomos imprudentes ao marcar o show em março, e as chuvas de verão ainda não tinham retraído. Acabamos bancando a passagem da Rayra; ela estava sem grana alguma. Mas havia o risco de a coisa não acontecer e termos de fazer um plano B ruim no Beer Bar em meio a bandas de rock, ou na Galeria Mama/Cadela, tocando baixinho. Ao final, tudo ocorreu bem, com algum chuvisco perigoso, mas muito breve, e nuvens densas se dispersando. Após noites insones de preocupação e então o show, finalmente relaxei, tomando cerveja enquanto comia um tropeiro na Martinha (cujo nome oficial era bar Bocaiuva) junto aos amigos.

13. Acho que é importante falar sobre o quanto fazer esse tipo de evento na raça envolve desdobrar-se de modo a atender a múltiplas demandas o tempo todo. Eu fazia curadoria, direção, montagem de som; na segunda temporada também passagem e técnica de som. Era bom economizarmos o que pagamos ao Michel, na primeira. Adicionalmente, eu também fotografava, filmava, cuidava da gravação de som. Quanto à pós-produção, eu fazia mixagem do material, edição de vídeo e documentação. O Felipe cuidava da produção executiva, servia de motorista, panfletava e, principalmente, era nosso homem da rua, tendo a função de negociar com os transeuntes e coabitantes problemáticos durante os shows. Uma vez, começou a cantar e filmar junto com uma dupla de músicos de rua, apaziguando a vontade dos mesmos de usar o equipamento montado e atrasar nossa primeira atração. Outras duas vezes, Felipe teve de conversar longamente com um morador de rua que insistia que música experimental não era música. Fato que justificaria ele reproduzir músicas do Michael Jackson em sua caixa de som portátil, no seu carrinho de supermercado, como protesto, durante os shows. Felipe também batia papo com a polícia, assim como com qualquer um que eu indicasse que estivesse querendo atrapalhar o acontecimento. Adicionalmente, trazia cerveja aos músicos. Em 2018, cuidou da burocracia. Em 2019, estava atolado de trabalho, pleiteando uma vaga para cientista de dados no seu emprego na ArcelorMittal, e eu fiquei encarregado (ou melhor, sobrecarregado). Descobri que a prefeitura conseguira a façanha de piorar o procedimento de um ano para o outro. Escrevi sobre essa experiência no meu blogue, com o título de *crônicas da municipalidade #1*, e reproduzo o texto na íntegra, a seguir, mantendo o estilo literário e sem maiúsculas.

> tenho horário marcado no bh resolve. é a segunda vez que vou. na primeira, apenas solicitei a data. foi tudo bem, exceto que não levei envelope. “precisa sempre levar o

> envelope, não se esqueça, está anotado no site, vou quebrar seu galho, mas realmente precisa, para colocar os documentos dentro, viu?" esperei a aprovação da solicitação. aprovada a solicitação, fui ao primeiro batalhão da pm solicitar, dessa vez, policiamento. mesmo sendo evento mínimo, você deve solicitar policiamento. lá, a delegada (?) me perguntara: "é praça 7 né", e eu distraído disse que sim, mas não, não é, o evento é praça 6, a localização é que é praça 7 (aquela coisa da "minoração"). enfim, não, não risque o nome do evento no documento de solicitação de policiamento, por favor, e ela rabisca de volta 6 em cima do 7 rabiscado em cima do 6. depois, guias gam e comprovantes de pagamento das guias gam. sim, para prover arte para o município a gente tem de pagar e enfrentar a prefeitura, cuja tarefa aparente é cobrar dinheiro e dificultar o fornecimento de arte e cultura ao município. agendamento e aqui estou, já confirmei minha senha na fila para atendimento de confirmação de senhas. agora é só esperar (costuma ser rápido). srr09 guichê 11, uma loira cara de seleta (a cachaça do terceiro reich mineiro, vide o logo). entrego papéis e ela: "por que não deixou já tudo organizado e separado?". forneço também o envelope para colocar todos os documentos dentro. "olha, são dois eventos e não um, precisa de duas documentações, você não trouxe, agende outra data e venha com duas." pera lá, mas eu não entendi isso, é um evento, praça 6 - 17 e 24 de agosto, um evento em duas datas. "rapaz, leia as informações, praça 6 #5 um evento, o outro praça 6 #6. esse é o significado de evento, volte quando estiver tudo lido e preenchido" (eu li e preenchi, a meu ver). estão sem a segunda cópia do rg, do autocad da praça, da solicitação de policiamento, e os formulários e gams e comprovantes de pagamento gam, nada feito. precisa de dois envelopes também? "não". então você vai colocar coisas duplicadas num envelope só? "é. então você agende de novo e no próximo dia traga todos os documentos." mas moça, por favor, por favor etc., só vou até ali e xeroco, e ela reluta, mas diz que sim, vai abrir uma exceção, mas "olhe lá e preencha e separe absolutamente tudo antes de voltar no guichê" (eu de modo algum seria impertinente de sugerir que ela use a fotocopiadora logo atrás dela, não sou louco). eu desço e é claro, especulação fotocopista, três páginas a R$ 1,50 ou no mínimo 90 centavos, é o quarteirão do "esqueci a cópia disso e daquilo" no entorno do bh resolve, muita demanda. saco a moeda grande, pago e subo, separo com um clips e entrego. ela aponta, isso aqui não tá preenchido, é o maldito x do "não temos gerador de energia". espero muito que não tenhamos de ir ainda à cemig para eles, como diz meu colega, cobrarem caro pra fazerem um "gato" e assim liberar um ponto de energia. gosto muito mais da ideia da banquinha de jornal nos liberar uma tomada. ok, e agora de bom humor, ela já é outra pessoa. seria a dose de sadismo burocrático diária necessária que a aliviou? já passou a cota, agora é só um trabalho, pegar, digitar, fazer piadas com as colegas, que bom, eu penso, se bem que ser mal-humorado num ambiente daqueles é ruim para mim, mas eticamente correto, não? E, enquanto pego os protocolos, olho que ela usou um outro envelope, não o meu.

Assim, se a intenção do sistema municipal era me fazer sentir um otário completo por seguir a lei, parabéns, conseguiu (perdão, não consigo pensar em outra palavra). Mas, para piorar, vou listar aqui os gastos, sem incluir nem transporte, nem outros pormenores.

- Taxas de ocupação de logradouro (que eles mediram como 1,13 x 12 m^2): 2 x R$ 13,56;
- taxa de análise dos requerimentos (sim, no plural, duas vezes essa taxa, que eu gosto de pensar como "taxa de espere um mês e torça para as liberações saírem a tempo"): 2 x R$ 116,21;
- Pagamento para a Cemig (Companhia Energética de Minas Gerais): R$ 197,03 (eu acabei tendo de ir até a Cemig duas vezes para pedir que ligassem a tomada pública da praça, pagando uma quantidade extorsiva);
- impressão de panfletos: R$ 184,50.

14. A questão da Cemig merece comentários adicionais. No primeiro Praça 6, Felipe pagou a instituição para que ela fornecesse energia no dia do evento. É comum que praças públicas não tenham tomadas acessíveis. A lógica por trás disso não me é clara, mas, dada a desconfiança geral das instituições

brasileiras quanto à ocupação de espaços públicos, parece-me que não fornecer tomadas seria mais um fator que diminuiria em geral o índice de ocupação. De toda forma, para esse primeiro dia, o sujeito encarregado ligou para Felipe em cima da hora, no dia anterior ao evento, fazendo ele se deslocar até a praça em horário de trabalho, para que ele fornecesse um disjuntor de 10 amperes, a fim de que o encarregado ligasse a energia. A Cemig não fornece os disjuntores, uma frase martelada na nossa cabeça. Como o serviço era caro e pouco cuidadoso, já no segundo evento combinamos com a banca de jornal de deixar R$ 20 por dia para usar a energia deles. Em 2019, entretanto, eles não quiseram de modo algum fornecer a energia elétrica, nem quando oferecemos doar R$ 50 por dia para eles. Eles não gostaram do evento. Não era vantajoso. Era, sim, barulhento. Era melhor não acontecer do que acontecer. Eles não iam colaborar com aquilo. *Ok então, vou na Cemig*. De novo, o encarregado entra em contato de última hora. Não posso ir naquele momento. Falo com ele. Ligo para central. Falo com outro. Religo para a central para confirmar. No dia seguinte, fico lá no sol da praça 30 minutos esperando. O encarregado chega. Eu comento da trapalhada. Ele diz algo que soa como "não tem por que planejar muito as coisas". No dia seguinte, levantamos a tampa de ferro pesadíssima, que esconde o disjuntor. Felipe possui diploma de engenheiro elétrico e vê que a coisa está preocupantemente frouxa. Busca no carro dele ferramentas (mas o carro já está estacionado longe, e isso leva a um atraso de pelo menos 30 minutos). Refaz a ligação… Aquela sensação, de novo: poderíamos só ter feito um gato; teria sido tudo não apenas tão seguro quanto, mas mais justo. Não nos sentiríamos roubados, ao menos.

Mas a Cemig não é o único alvo da minha irritação institucional. Um dos requerimentos da subsecretaria de regulação urbana era que eu apresentasse um certificado de "operação de trânsito para realização de eventos sem interdição de via pública". Vê-se que é uma dita formalidade, quer dizer: como é que um evento de tamanho mínimo afetaria o trânsito de uma das maiores avenidas da cidade (a Afonso Pena) em um dia de pouco movimento? O problema é que a página de internet da BHTrans era extremamente obtusa e possuía um campo de endereço que só aceitava termos específicos, propondo um ingrato jogo de decifração. Demorei mais de uma hora para conseguir preencher "Praça 7", isto é "PCA SETE, 0". Ademais, tive de enviar cartas de cunho próprio dizendo que eu limparia o local após as apresentações. O que, para o tamanho do evento e localização, e pelo fato de já existirem funcionários alocados para a limpeza rotineira do local, é um disparate. Em um dos dias, levei uma vassoura e me filmei pateticamente varrendo uns copos de cerveja na plataforma da praça e colocando-os em um saco plástico. Publiquei no Instagram, com grande sucesso cômico.



Fig. 4: Praça 6 #6, show de Nanati Francischini, 24 set. 2019. Foto do autor.

15. Agora vou relatar coisas boas e/ou interessantes. Afinal, em que pesem as atribulações, vale a pena fazer o evento. Fazer por amor envolve o heroísmo de suportar as adversidades, mas isso não é o que importa. Ao final do dia, mais que simplesmente cumprir a missão e atingir os objetivos, é o bom resultado que nos alegra e nos impulsiona a fazer mais. Os músicos não são pagos e vêm tocar pela experiência de estar ali, recriando aquele local. Além de executarem sua música e fruírem a música do outro grupo, que se apresenta no mesmo dia, não apenas interagem com a situação, mas coabitam o local. Integram-se àquela situação como um todo.

O ambiente sonoro continua um tanto barulhento, com carros e ônibus passando logo ali, na Avenida Afonso Pena, e acima – há dois corredores de ônibus nas ruas adjacentes (no centro de BH, é um erro pressupor ruas paralelas – algumas cortam diagonalmente os quarteirões). Boa parte das pessoas continua agindo normalmente, conversando, esperando o tempo passar, sentadas nos degraus do palanque. Os malucos de BR continuam expondo seus produtos, eventualmente trabalhando na criação de novos adereços, realizando negociações e vendas. Na primeira edição, em extinção e P.M.N.T. improvisam juntos. Há uma garotinha, assistindo logo na frente, fazendo cara de interesse e perplexidade infantil, com as mãos próximas à boca. Logo atrás, a filha de uma colega brinca de skate, relaxadamente. Na segunda edição, um sujeito de boné vem perguntar, no meio da performance de b-Aluria, quando começaria a música. "Logo mais", respondeu Gabriela. Ao longo da performance de II|III, entardece, as cores vão mudando e tudo termina com citações de black metal, já à noite. Fefo apresenta música computacional abstrata, articulada via controle de videogame, enquanto um rapaz bêbado ensaia começar passos de dança. Finalmente, no show da Quasicrystal, ele os executa, extensivamente: são duros e estranhos. Em um deles, ele tomba de frente no chão, jogando a mochila para o lado, faz uma pausa esquisita, levanta, dá uma volta completa e

para numa pose. Na última parte da performance, ainda de Quasicrystal, as ondas harmônicas melancólicas se mesclam com as aterrissagens e quedas dos skatistas, ao fundo, compondo um presente cheio de nostalgia. Em seguida, na terceira apresentação do dia, improviso conjunto de Sananda Acácia e Fefo, um outro transeunte aproveita para dançar colado na caixa, como se estivesse em uma *rave*. Na quarta edição, enquanto o Infinito Menos tocava sua música frenética, um artesão forte, sem camiseta e de *dreads* girava seu bastão de madeira logo atrás da banda. Com seus integrantes estidos com camisetas do PCO que parecem camisetas de futebol do Brasil, mas vermelhas e misturando funk, brinquedos e tosqueiras diversas, o Brechó de Hostilidades Sonoras teve também seus momentos de dança por parte do público, inicialmente desavisado. Momentos estes coroados quando Natacha Maurer cumprimentou o dançarino. Ao final, ela e Marcelo Muniz também resolveram sair bailando, ao discotecar a clássica música do filme *Emmanuelle*, de Pierre Bachelet. Aproveitaram também a aglomeração e conversa pós-show para deixar uma microfonia rolando.

Já em 2019, Doppel sustenta seu drone enquanto ouve alguns gritos aqui e ali e latidos de um pequeno cachorro, que acaba encontrando um pouco de café e se refestela. No improviso com Criptido, um dos malucos de BR resolve participar tocando chocalhos, provavelmente construídos por ele mesmo. Adiciona assim um ritmo mais andado e tênue sobre o pulsado grave do trio de músicos convidados. Na sexta edição, logo atrás de Paulo Dantas e do PA, um grupo realiza um encontro animado, que acaba virando uma pequena roda de capoeira e depois uma briga de comadres. Durante a performance de Nanati Francischini, um deles senta, assistindo embasbacado à artista, que arrasta sua guitarra amplificadíssima no chão, explorando estrondos e microfonias. Ela ganha um fã. Terminado o show, ele insiste: “um show incrível desses deveria acontecer mais. Quando você vai tocar por aqui de novo?”.



Fig. 5: Praça 6 #5, improviso de Criptido com Doppel, 17 set. 2019. Foto do autor.

16. Para terminar o texto, não poderia deixar de falar um pouco da série auxiliar ao Praça 6, a *Blitzkrieg Noise*. Do jeito que conduzi este artigo, pode até ficar parecendo que eu me opus frontalmente ao espírito niilista-lúdico do Felipe, sempre pronto a militar pelo valor da arruaça e do choque. "Se todos os nossos atos são condicionados, um ato gratuito no meio da selva urbana é um ato de liberdade", disse ele, uma vez. Na verdade, nós eventualmente formulamos um modo de promover mais acirradamente o encontro desavisado dos belo-horizontinos com o inesperado. De introduzir-lhes o incômodo face ao estranho. A ideia era que os artistas que viessem participar do Praça 6 realizassem um show relâmpago, de curta duração, em um local público, sem combinado prévio, permissão ou aviso. Só precisávamos conseguir carregar o equipamento e arranjar uma tomada, uma cadeira, eventualmente uma mesa, negociando com os estabelecimentos que poderiam atender tais requisitos. Eu faria uma filmagem e gravação de som, optando por um ponto de vista-escuta mais afastado, de modo a dar ênfase, no registro, para a integração entre performance e ambiente. Isso estava de acordo com a ideia de que se tratava de registrar de fato a intervenção, e não simplesmente a música realizada. O nome vinha da popularização do termo militar alemão, seja na famosa música dos Ramones, seja em japonês, no infame anime *Girls und Panzer*[16]. A ideia seguia a formulação pop da guerra relâmpago – chegar num lugar, arranjar um jeito de realizar o showzinho, fazê-lo e depois ir embora. Na época escrevi o seguinte *release*: "Blitzkrieg Noise: shows curtíssimos em locais diversos da região metropolitana, decididos no calor do momento, com os artistas da Praça 6. Invasão rápida de ruído. Disrupção artística do ambiente". Com certas modificações em relação ao plano de envolver apenas os artistas do Praça 6, as apresentações e locais foram as seguintes:

> BN01, 2018-03-25: em extinção (viaduto Santa Tereza); BN02, 2018-04-15: Paulo Dantas (feira livre São Geraldo); BN03, 2018-05-11: b-Aluria (Olÿmpia Coop Bar, Edifício Maletta); BN04, 2018-06-02: Quasicrystal (Entrada do Festival Internacional de Quadrinhos, Serralheria Souza Pinto); BN05, 2018-06-28: Mário Del Nunzio (Eskinão do Churrasco); BN06, 2018-07-01: Brechó de Hostilidades Sonoras (Feira Hippie); BN07, 2018-12-14: Thelmo Cristovam (Calabouço Karaokê: Música Insólita Ocupa #1; Trincheira Rua Rio Grande do Norte). BN08, 2019-03-04: Fefo (Casa da Valéria, bairro Santa Tereza); BN09, 2019-08-14: Henrique Correia (bar da Rita, bairro Horto); BN10, 2019-08-16: Yuri Bruscky (Açaí do Campo, bairro Sagrada Família); BN11, 2019-08-17: Doppel (Santa Bar, bairro Horto); BN12, 2019-08-23: Nanati Francischini (Dançaí, bairro Nossa Senhora de Fátima).

17. Rayra Costa, do em extinção, acabou tocando por 19 minutos. No começo, os skatistas e ocupantes da parte de baixo do viaduto continuaram animados, logo em frente à musicista. Mas foram se dispersando ou indo para a pista propriamente dita, onde aqueles que continuavam animados nas manobras reclamavam esporadicamente do som agudo. Um grupo de jovens que queria tirar fotos em poses sensuais, entretanto, não estava nem aí. Paulo Dantas enfrentou uma senhora que, indignada com o som, fez questão de se sentar de frente para ele e olhá-lo feio, permanecendo assim até o final da apresentação. Quando Paulo acabou, um comerciário do outro lado da rua sacou um alto-falante e começou

[16] A música dos Ramones referida é *The Blitzkrieg Bop!!* (1976). O anime *Girls und Panzer*, dirigido por Tsutomu Mizushima (2012-2013), envolve uma trama que combina uma das obsessões de *otakus* militares: tanques de guerra da Segunda Guerra Mundial, com uma narrativa de histórias de superação esportivas, mais personagens tipificadas como garotas fofas.

seu barulho, gritando platitudes. Opinou que deveria haver mais barulho na feira; nada dessa coisa morna bem-comportada que os outros feirantes promoviam. Gabriela Nobre, do b-Aluria, tocou no segundo andar do edifício Maletta, e a preocupação ali eram os seguranças, sempre prontos a eliminar qualquer possibilidade do diferente. Montamos a intervenção no Olÿmpia, bar parceiro, do tempo em que eu estava na Associação Elástica (um coletivo anarquista que frequentei entre 2014 e 2016). Negociamos oito minutos. Quando eles transcorreram, o sujeito prontamente veio cobrar o término. No caso da Sanannda Acácia, do Quasicrystal, surpreendentemente convencemos uma das produtoras do Festival Internacional de Quadrinhos a deixar-nos fazer a intervenção na entrada do evento. Assim que começou, ouvimos dela: "mas peraí, esse som, 10 minutos?!", já profundamente arrependida. Na performance de Mário Del Nunzio, na esquina da boemia barata, em frente ao metrô Central, houve quem assistisse com grande interesse, mas também um sujeito que ficou o tempo todo assistindo, fixamente, com desdém – "mas não é assim que se toca guitarra, isso não é música; não parece Jimi Hendrix". No caso do Brechó de Hostilidades Sonoras, a loja evangélica não quis fornecer energia elétrica, mas a de açaí não viu problema. Natacha e Marcelo se sentaram no chão. Um guarda veio saber se tínhamos autorização, e Felipe foi combater lorota com lorota. Depois, um comerciário reclamou. Um outro prontamente bradou, para que o primeiro ouvisse, que "era pura inveja de quem não tem o que fazer". Um morador de rua se sentou ao lado do duo e começou a interagir.

Em outra ocasião, Thelmo Cristovam estava pela cidade e fizemos intervenções com ele também, excepcionalmente combinando com o Calabouço Karaokê, em um esquema arranjado pelo Fabiano Pimenta – na época, parte do Música Insólita[17]. O show de abertura foi de um rapaz tocando Raul Seixas, voz e violão. Mesmo com o *esporro* no saxofone, os jovens continuaram se beijando animadamente na mesa à frente, embora outros entrassem para espiar, num misto adolescente de curiosidade e pouco caso. Depois, fomos para uma trincheira próxima dali, porque imaginávamos que a cena seria bonita. Thelmo repetiu a dose, sem esperar que ninguém fosse passar por ali tarde da noite. Mas, coincidentemente, João Paulo Prazeres, saxofonista interessado em improvisação e *soundpainting*, passou e ficou, curtindo o som.

No carnaval de 2019, Fefo resolveu me tirar de casa. Logo eu, que sustento a história do paulista refugiado (que se esconde em casa durante os festejos). Foi difícil conseguir estacionar e, também, conseguir tomada, mas finalmente chegamos a uma esquina possível, onde o artista tocou marchinhas *noise* defeituosas. De todos os causos, o mais famoso é o de Henrique Correia, do Criptido. Porque fomos ao bar da Rita e era bem tarde, e estava rolando uma briga feia entre dois frequentadores. Briga que o Felipe se dispôs a apaziguar. Como a situação estava difícil, ele sumiu por um tempo, indo atrás dos rufiões. Eu estava cansado e acabei falando para fazermos logo o vídeo, mesmo sem Felipe por perto. Havia toda uma esquerda festiva funkeira na porta do estabelecimento, alguns até rebolando durante o ruído, e Henrique não maneirou nem um pouco. Alguns segundos depois, o Zezinho, o dono do bar, cortou a energia. Tentamos na marra, mais duas vezes, mas ele insistiu em tirar o amplificador valvulado da tomada,

[17] Música Insólita é um selo de música experimental ativo desde 2018. Seus lançamentos estão disponíveis em https://musicainsolita.bandcamp/.

abruptamente, o que era possivelmente danoso ao equipamento. Tivemos de parar. O amplificador era emprestado. Nem sempre ser frequentador ajuda, vejam. Desistimos, sentamos e pedimos umas cervejas.

No dia seguinte, o companheiro de Henrique no Criptido, Yuri Bruscky, tocou do outro lado da rua do Sesi/Senai Horto. Infelizmente, coincidentemente, era um dia de aula facultativa, e menos estudantes passaram pelo local. Em transe de músico compenetrado, Yuri não viu o quase acidente, entre um carro e uma moto, logo à sua frente. Depois de 30 minutos, tive de cortar o vídeo e acabei indo pedir para ele não continuar indefinidamente. Para a intervenção de Doppel, fomos para a parte de trás do Santa Bar, que sustentava uma festa animada. Encontrei o André Nakau, do Vespa[18], atendendo, e ele ficou feliz de nos receber e ajudar. Mas nossa caixa de som não deu conta de mascarar o bate-estaca do estabelecimento, obrigando Olívia Luna a tocar junto com a batida.

Finalmente, Nanati Francischini se apresentou em um barzinho, no Aglomerado da Serra. O dono já tinha sido dançarino de break e gostou da ideia. Do centro cultural Vila Fátima vinham batuques. Eram muito marcantes, de modo que tivemos de esperar eles sustarem. Nanati teve de interagir com os cachorros, principalmente, um deles vindo para debaixo de sua cadeira durante a performance. Em algum momento, completamente ignorando a situação toda, um dos frequentadores do bar inseriu uma moeda no *jukebox*. Uma música brega qualquer se sobrepôs à guitarra. Seguindo os ensinamentos do grande Merzbow, tivemos de concluir que, às vezes, a música pop é que é ruído[19].



Fig. 6: Blitzkrieg Noise #1, com em extinção, 25 mar. 2018. Foto do autor.

[18] Vespa Víbice é um coletivo de arte da performance que atua esporadicamente na cidade de Belo Horizonte desde 2015. Organiza os eventos Vespa e EX TRE MA (este último junto a Felipe Lopes).

[19] Escrevi sobre a frase de Merzbow – "Se *ruído* significa som desconfortável, então música pop é ruído para mim" – em Silveira (2017).

***

Este artigo se beneficiou de conversas com Felipe Lopes e João Perdigão. Ele possui material complementar: as séries de vídeos documentais, hospedadas no canal de YouTube da Seminal Records (youtube.com/c/seminalrecords) e listadas a seguir. Ademais, o material documental completo, incluindo gravações dos shows e fotos, pode ser acessado em https://archive.org/search?query=creator%3A%22Seminal+Records%22&and%5B%5D=subject%3A%22pra%C3%A7a+6%22.

Praça 6: https://www.youtube.com/playlist?list=PLhI6QLuwAA5HuX4UJheqv5SDjsWdt0jX9.

Blitzkrieg Noise: https://www.youtube.com/playlist?list=PLhI6QLuwAA5FR61xlu-Zy3pETIMx_f0Yp.

Referências

ABREU, Felipe José O. *O jogo musical Cobra (1984) de John Zorn*: reflexões sobre sua história e prática. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

BEY, Hakim. *TAZ*: zona autônoma temporária. Trad. Renato Rezende e Patrícia Decia. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.

DANTO, Arthur C. *The transfiguration of the commonplace*. Cambridge: Harvard University Press, 1981.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto, Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995. v. 1

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka*: por uma literatura menor. Trad. Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

IWAO, Henrique; NUNZIO, Mário Del. Ibrasotope: um ano. *Revista Ibrasotope*: Revista de Música Experimental, São Paulo, n. 1, p. 4-11, 2009. Disponível em: https://archive.org/details/revista-ibrasotope.

MIÉVILLE, China. *A cidade e a cidade*. Trad. Fábio Fernandes. São Paulo: Boitempo, 2014.

SILVEIRA, Henrique I. J. O fim do noise: pop como ruído. *In*: SEMINÁRIO DE ESTÉTICA E CRÍTICA DE ARTE, 3., 2017, São Paulo. *Anais* [...]. São Paulo: FFLCH/USP, 2017. p. 272-281.

Henrique Iwao Jardim da Silveira é pesquisador colaborador do Núcleo Interdisciplinar de Comunicação Sonora (NICS) da Universidade Estadual de Campinas. É mestre em musicologia pela USP e doutor em Filosofia da arte pela UFMG.

E-mail: henriqueiwao@gmail.com.

Disponibilidade de dados: Os dados estarão disponíveis mediante solicitação.

Conflito de Interesses: Nenhum conflito de interesses foi declarado.

Modalidade de avaliação: Duplo-cega por pares.

A *Opus* está licenciada sob uma licença CC-BY.